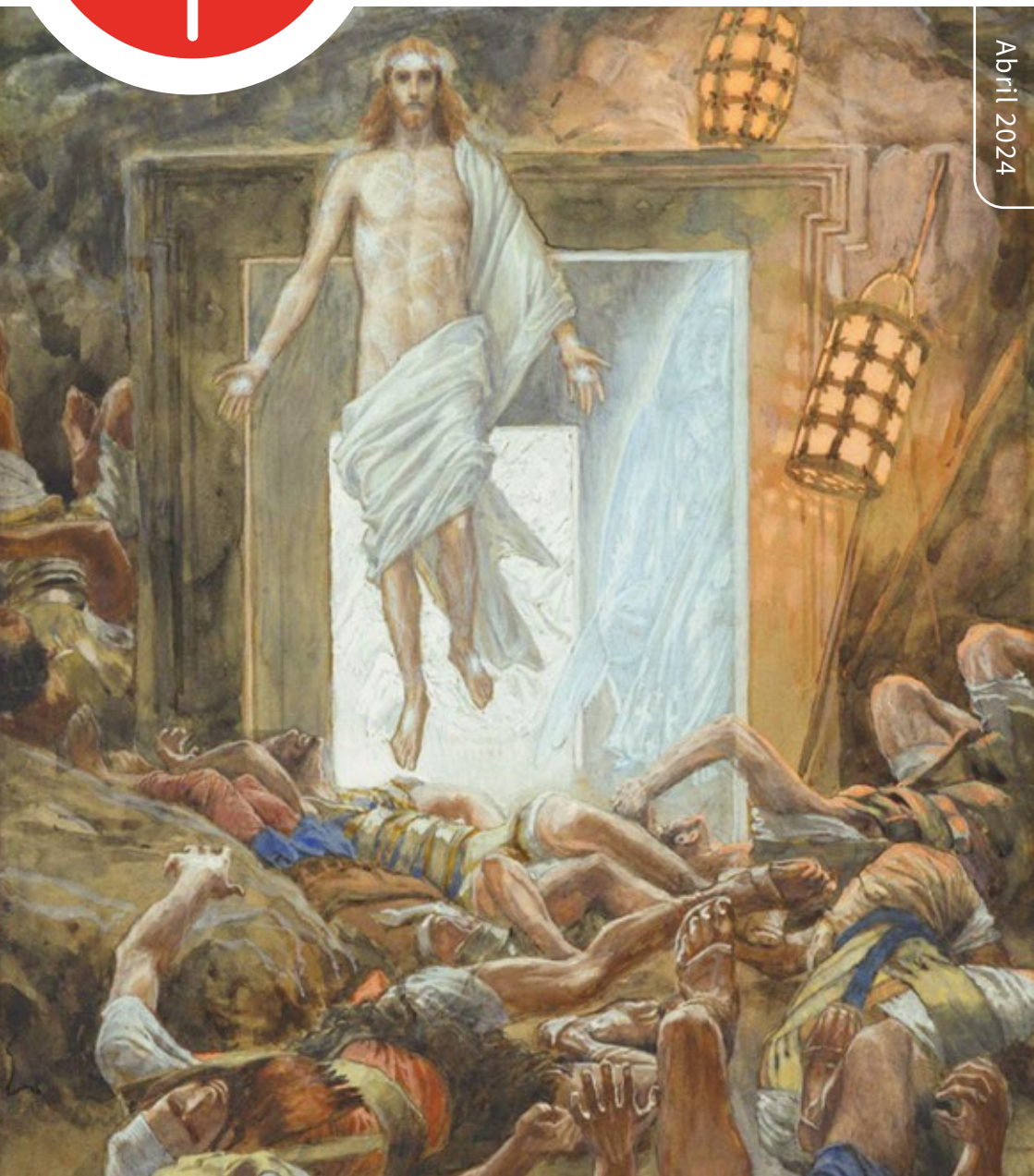




Sementes de Esperança

Folha de Oração em Comunhão com a Igreja que Sofre



Abri!l 2024

Intenção de Oração do Santo Padre



EVANGELIZAÇÃO

ABRIL: Pelo papel das mulheres

Rezemos para que sejam reconhecidas em cada cultura a dignidade das mulheres e a sua riqueza, e cessem as discriminações de que são vítimas em várias partes do mundo.

A Folha de Oração Sementes de Esperança é uma publicação mensal da ACN Portugal em comunhão com a Igreja que Sofre. As várias rubricas apelam à oração e a um maior conhecimento desta realidade, através de fontes de informação no terreno e contactos exclusivos.

A oração é um dos pilares fundamentais da nossa missão. Sem a força que nos vem de Deus, não seríamos capazes de ajudar os Cristãos perseguidos e que sofrem por causa da sua fé.

Para os ajudar, criámos uma grande corrente de oração e distribuímos gratuitamente a Folha de Oração Sementes de Esperança, precisamente porque queremos que este movimento de oração seja cada vez maior.

Ajude-nos a divulgá-la na sua paróquia, grupo de oração, família, amigos e vizinhos. Por favor, não deite fora esta Folha de Oração. Depois de a ler, partilhe-a com alguém ou deixe-a na sua paróquia ou noutro local.

SEMENTES DE ESPERANÇA - Folha de Oração em Comunhão com a Igreja que Sofre

PROPRIEDADE	Fundação AIS	CAPA	James Tissot, Ressurreição
DIRECTORA	Catarina Martins de Bettencourt	PERIODICIDADE	11 edições anuais
REDACÇÃO E EDIÇÃO	Pe. José Jacinto Ferreira de Farias, scj, Alexandra Ferreira	IMPRESSÃO	Gráfica Artipol
FONTE	L'Église dans le monde - AIS França	PAGINAÇÃO	JSDesign
FOTOS	© AIS; © Ismael Martínez Sanchez, © Didier Rance	DEPÓSITO LEGAL	352561
		ISSN	12, 2182-3928

O CATÓLICO “PRATICANTE”

Na minha infância aprendi na catequese que um católico praticante é aquele que vai à Missa ao Domingo. Aprendi então que o católico pode ser praticante ou não praticante, sendo que um sinal distintivo do primeiro é ir à Missa ao Domingo e, do segundo, só ir eventualmente em determinadas circunstâncias da vida ou perder totalmente o hábito de frequentar a Igreja. Pelo batismo o homem torna-se cristão, católico, e essa condição não se perde, porque o batismo imprime na alma um sinal indelével, o carácter, que não se perde. O batismo é um nascimento, como diz Jesus a Nicodemos: “em verdade, em verdade te digo: quem não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus” (Jo 3,3). Pelo batismo tornamo-nos filhos de Deus e da Igreja, porque “ninguém pode ter a Deus por Pai se não tiver a Igreja por Mãe” (S. Cipriano de Cartago).

Acontece no batismo o que se dá na nossa vida: é a nossa mãe que nos diz quem é o nosso pai e, uma vez gerados e nascidos, seremos sempre filhos. Mesmo se ao longo da vida acontecesse que abandonássemos a casa paterna, renegássemos os nossos pais, os abandonássemos, mesmo assim, mesmo

que fôssemos maus filhos, não deixaríamos de ser filhos. Portanto, um sinal de que respeitamos, amamos os nossos pais – a nossa mãe e o nosso pai – é a frequência com que os visitamos na sua casa, porque é na casa dos nossos pais que sempre nos sentimos à vontade.

Lembro-me do que a minha irmã me contava a respeito do filho mais novo, quando era criança. Era um familiar do meu cunhado que cuidava do pequeno, enquanto iam trabalhar, e na casa da tia o meu sobrinho era muito bem-comportado, tinha sempre as suas coisas em ordem, no seu lugar. Mas quando a minha irmã o ia buscar e o trazia para casa, o miúdo dava asas à sua liberdade, era muito desordenado, nunca deixava as coisas nos seus lugares, era uma confusão total. Quando a minha irmã lhe observou, “Mas como é que em casa da tia és um rapaz tão bem-comportado e aqui deixas tudo fora do lugar, sem teres cuidado nenhum?”, ele respondeu: “É que aqui estou em casa, estou à vontade!”

A Igreja é a nossa casa paterna, nela sentimo-nos em casa como filhos, sentimo-nos à vontade, e o Domingo é o dia sagrado do encontro com os nossos pais, com a nossa família, e a Igreja,

como boa Mãe, prepara-nos o banquete tão saboroso, com o alimento sem o qual não podemos viver, porque “nem só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus” (Mt 4, 4)!

Por isso eu digo que irmos à Missa todos os Domingos é o sinal de que Deus e a Igreja são importantes para nós; é um sinal de que tomamos a sério o primeiro e o segundo mandamento: amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo (os nossos irmãos na fé) como a nós mesmos (cf. Mt 22,34-40); é um sinal, tão simples, mas eficaz, de que por Ele somos capazes de deixar tudo para O seguir: “se queres ser perfeito, vai, vende o que possuis e dá aos pobres e terás um tesouro nos céus. Depois, vem e segue-me” (Mt 19,21); para viver segundo a Sua palavra e nos alimentarmos do único alimento que verdadeiramente sacia a nossa fome: “a minha alma anseia por vós, a minha carne vos deseja com ardor, como terra árida, sequiosa, sem água” (Sl 63(62),2).

Amar é desejar o bem para os outros, e amar a Deus sobre todas as coisas é desejarmos que Ele seja para nós o sumo bem no qual o nosso coração inquieto pode encontrar repouso. Por isso é que os Cristãos celebram o Domingo, e não o sábado, porque foi no Domingo, o dia do Senhor, que Cristo ressuscitou e venceu a morte e, por isso, é verdadeiramente o Senhor, não no sentido que damos a este termo que indica sermos *seniores*,

mais velhos, mas no sentido do grego *Kyrios* ou do hebraico *Adonai*, ou seja, Deus, Senhor da vida e da morte.

Hoje muitos preocupam-se com a casa comum, com a ecologia, com as alegadas alterações climáticas, quando o mais importante é a *salvação das almas*, ou seja, a salvação das nossas vidas, e essa salvação só em Deus, só em Jesus Cristo se encontra, porque Ele venceu a morte e deu-nos o Seu Espírito Santo pelo qual, através dos sacramentos, participamos nessa vitória.

A Igreja é a comunidade dos viventes, que nos gera continuamente e nos mantém na vida verdadeira, a única que vale a pena viver. Da casa comum, das alterações climáticas, da ecologia e outras banalidades, que se ocupem os outros, os pagãos: “segue-Me e deixa que os mortos enterrem os seus mortos” (Mt 8,22).

Só resolveremos esses e outros problemas se as nossas vidas estiverem centradas no essencial, segundo aquela palavra cheia de sabedoria que o Senhor nos deixou “Buscai, em primeiro lugar, o seu Reino e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão dadas por acréscimo” (Mt 6,33).

Pe. José Jacinto Ferreira de Farias, scj
Assistente Espiritual da Fundação AIS

Superfície:
3.287.263 km²

População:
1,4 bilhões

Religiões:
Hindus: 72,4%
Muçulmanos: 14,4%

Cristãos: 4,8%
Religiões tradi-
cionais: 4%

Siques: 1,8%
Outros: 2,6%

Língua Oficial:
Hindi e inglês



ÍNDIA

O PROBLEMA DAS LEIS ANTI-CONVERSÃO

No dia 15 de Junho de 2023, o Estado de Karnataka anunciava a revogação da lei anti-conversão instaurada dois anos antes pelo BJP, o partido do poder. A meses das eleições gerais, a notícia causou a alegria das minorias cristãs.

“Quero exprimir a minha profunda gratidão e o meu alívio face a esta decisão do Governo de Karnataka de revogar a lei de 2022”, afirmou D. Pierre Machado, Arcebispo de Bangalore, no estado de Karnataka, algumas horas depois da confirmação, a 15 de Junho, pelo gabinete de Estado, da sua decisão de anular a lei anti-conversão em vigor há quase dois anos. “É uma enorme

vitória”, confirma por seu lado o Pe. Balthazar Castelino, sacerdote da MEP (Missões Estrangeiras de Paris), nativo da Diocese de Udupi, no sudoeste da Índia. Com não menos de 61 milhões de habitantes, dos quais 2% cristãos e 80% hindus, o Estado de Karnataka possui um património natural e religioso único que atrai inúmeros turistas. A sua capital, Bangalore, coração da



Onze dos 29 estados aplicam leis anticonversão colocando os Cristãos em perigo.

alta tecnologia indiana e “Silicon Valley indiano”, inclui numerosos lugares históricos sumptuosos que são património mundial da Unesco.

505 incidentes contra os Cristãos

Era bom viver lá até que, nestes últimos anos, as tensões aumentaram e o BJP (Partido Bharatiya Janata Party), o partido nacionalista pró-hindu, ganhou as eleições, em 2019. Uma vitória contestada por alguns, que acusam o BJP de corrupção massiva e de ter comprado grande quantidade de votos. Com pouco tempo de governação, o novo Governo do Karnataka votou, em Setembro de 2022, uma lei anti-conversão e isto apesar das fortes objecções das minorias e de uma parte da população. Chamada a “Lei de Protecção do Direito à Religião” tem por objectivo proteger os indivíduos de conversões forçadas, prevendo, neste caso, penas de prisão que podem ir até dez anos. Mas, na realidade, impede quem quer que seja de se converter a

outra religião que não seja o Hinduísmo. Permite também acusar qualquer pessoa de ter “forçado” uma conversão.

“É uma maneira de nos atingir, especialmente a nós Cristãos, lamenta o Pe. Balthazar. Pelo facto de ajudarmos alguém, de o tratarmos, de lhe darmos de comer - o que fazemos todos os dias nos nossos hospitais e nas nossas escolas... podemos ser acusados de conversão forçada.” No dia-a-dia, isto torna a missão da Igreja extremamente complicada. Um dos padres da diocese foi preso, sob a acusação de ter convertido hindus. Felizmente, foi libertado ao fim de pouco tempo por decisão do Supremo Tribunal. De um modo geral, a aplicação destas leis no Karnataka e noutros Estados da Índia contribuiu largamente para o aumento dos ataques contra os cristãos. Em 2021, a Comissão da Liberdade Religiosa registou, contra esta comunidade, 505 incidentes desde a destruição de igrejas à prisão de cristãos, em comparação com os 279, em 2020. “Estas leis encorajam os extremistas a atacar-nos sem



Os pais fundadores da Índia desejavam uma nação aberta a todas as religiões.



Desfile de activistas do RSS por ocasião da festa hindu Dussehra em Kullu.

medo de represálias”, explica o Bispo de Bangalore, que participou numa petição ao Supremo Tribunal para denunciar a anticonstitucionalidade destas leis.

Foi por isso que, a 15 de Junho de 2023, quando o partido do Congresso - o novo Governo em funções que tinha conseguido derrubar o BJP - anunciou esta revogação, a alegria era palpável.

Aliás, o partido ganhou as eleições graças a esta promessa de suprimir a lei e de “revogar todas as leis anticonstitucionais” publicadas pelo BJP. É um facto que esta lei, aplicada em diferentes regiões da Índia, está na realidade em contradição com a Constituição do país que, no artigo 25.º, estipula “garantir a liberdade de praticar, proclamar e propagar qualquer religião numa sociedade diversa e pluralista.”

Impor a Hindutva à custa do Cristianismo

Esta visão da liberdade religiosa foi defendida por Jawaharlal Nheru e pelos

pais fundadores da Índia. Em 1947, dentro do contexto da independência indiana e da separação do Paquistão, queriam acalmar as minorias religiosas que fugiam em massa do país. Garantia um Estado aberto a todas as crenças, línguas, castas ou tribos.

Mas nem todos os Indianos partilham esta visão. Alguns, influenciados pela ideologia da Hindutva, defendem uma concepção da nação muito mais restrita. Para os apoiantes desta corrente, a cultura hindu é a única a definir a nação indiana e a sua identidade. Deste modo, apesar duma Constituição que defende a liberdade religiosa, as leis que restringem as conversões religiosas foram, pouco a pouco, sendo introduzidas nalguns Estados. As primeiras, desde 1967, no Estado de Odisha depois seguiram-se mais 11 até finais de 2022, no Estado de Karnataka.

Desde a sua reeleição em 2019, o primeiro-ministro Narendra Modi continua a dar mostras de um intenso activismo nacionalista hindu ao difundir a Hindutva. O objectivo é fazer nascer no



A fé dos Cristãos aumentou. É esse o testemunho destes jovens seminaristas de Jharkhand.

espírito da população hindu o receio duma guerra demográfica na qual só o BJP, este partido conservador, pode salvar a população da influência nefasta das religiões “estrangeiras”. Carismático, Modi apresenta-se como aquele capaz de proteger a Índia, a sua cultura e os seus valores ao mesmo tempo que a moderniza. Foi por isso que, em vários estados (dirigidos pelo BJP), as autoridades impuseram uma moeda nova e mudaram o nome das cidades, ruas e estações de transportes a fim de “valorizar” o património histórico. Mas a vontade é de erradicar todo e qualquer vestígio de um património que soe a cristão ou islâmico.

Para conseguir insuflar esta ideologia no maior número possível de lugares, Narendra Modi pode contar com o apoio infalível do RSS (Rashtriya Swayamsevak Sangh). Esta associação de voluntários da nação, com fins culturais, foi criada em 1925. Muito eficaz e organizada, apoia-se num grupo de quadros que propagam a ideologia por toda a Índia e não pára de aumentar a influência nomeadamente na rede escolar.

O seu ramo religioso – o VHP (Vshwa Hindu Parishad) - revela as tendências mais extremistas e violentas pelas quais pagam as minorias cristãs e muçulmanas. “A opressão prossegue de forma incansável”, diz-nos Cyril Victor Joseph, sacerdote em Karnataka. “As instituições cristãs como as escolas, os grupos de oração e as igrejas confessionais são, sob diversos pretextos, sistematicamente atacadas.”

Face a esta constatação, tomar o partido das minorias como o faz a Igreja ou o estado de Karnataka, a 15 de Junho de 2023, é heróico. Se é preciso ainda ter paciência para ver concretamente a aplicação desta revogação no terreno, ninguém duvida que esta decisão histórica pode encorajar outros estados a fazer o mesmo. E o problema é de monta, dadas as próximas eleições gerais de 2024. Modi está disposto a tudo para ser reeleito (ver segunda Caixa). Mas o Pe. Balthazar assegura que está tudo ainda em cima da mesa. Será difícil mas, segundo ele, a população já não apoia o BJP: “Os Hindus são, na sua grande maioria, moderados e não querem ter um Governo corrupto e

liderado por uma minoria extremista que não respeita os outros.

BÊNÇÃOS NA DESGRAÇA

O missionário acredita firmemente que esta vitória do Karnataka é também o fruto da oração ardente dos fiéis nestes últimos anos. O sacerdote constata como a perseguição que o seu estado sofreu reforçou a fé dos Cristãos nestes últimos anos. A sua família, com as suas duas irmãs religiosas e o seu sobrinho jesuíta, é disso um exemplo! “A COVID foi também um elemento importante de transmissão da fé”, explica o sacerdote. O encerramento obrigatório - e nem sempre justificado - das igrejas pelo Estado, durante a pandemia, levou a Igreja a disponibilizar, como em todo o mundo,

Missas transmitidas pela Internet. Alguns fiéis que apenas iam à Missa dominical começaram a segui-la todos os dias, a rezar o terço transmitido pela Internet, a ouvir as homilias no Youtube e, pouco a pouco, a sua fé fortaleceu-se. E o que é magnífico, acrescenta o sacerdote, é ver que este fervor continua. “No meio da nossa desgraça vivemos uma bênção. Deus transforma o coração dos que são perseguidos.” O comportamento das pessoas muda, afirma o missionário, que insiste: “Nas próximas eleições, tudo é possível. Temos de rezar!”.

Oração

Para que os resultados das próximas eleições na Índia tragam a liberdade de culto e a paz aos Cristãos, nós Te pedimos Senhor.

MANIPUR: UM CONFLITO VOLUNTARIAMENTE IGNORADO

Desde o dia 3 de Maio de 2023, que os Meiteis, maioritariamente hindus, e os Kukis, de confissão cristã, se defrontam por causa de uma lei em favor dos Hindus. A violência causou a morte de centenas de pessoas, neste pequeno estado que faz fronteira com a Birmânia, e o exílio de milhares de outras. Foram incendiadas 1700 casas e destruídas 357 igrejas. Face a esta tragédia, numerosas vezes se elevam contra o silêncio do primeiro-ministro Modi, acusando-o de desencadear este caos no meio do qual os Cristãos são as primeiras vítimas.

ÍNDIA: DEMOCRACIA EM SOFRIMENTO

Com a aproximação das eleições gerais de Maio de 2024, Modi multiplica os gestos de abertura internacional e mesmo dentro do seu país, chegando a ir à Missa de Natal cumprir o bispo. Mas ninguém se deixa enganar. Desde a sua eleição em 2014, que a democracia do país está a meia haste. Recentemente, o seu principal oponente, Rahul Gandhi, do partido do Congresso, foi excluído do Parlamento onde tinha assento como deputado e sujeito a seis anos de inelegibilidade por ter “criticado” o primeiro-ministro. Um exemplo entre tantos outros.

Oração

Fidelidade, Disciplina, Combate

Parte I



Uma das orações que a Igreja propõe para a Missa pede a Deus que “encontremos a nossa alegria na nossa fidelidade, pois é uma felicidade perdurável e profunda servir constantemente o Criador de todo o bem”. **A nossa alegria e a nossa felicidade é servir o Senhor na fidelidade: eis um belo programa para a vida de oração.** Muitas vezes, com efeito, aqueles que desejam atribuir à oração um lugar mais importante na sua vida, não o fazem porque julgam ter de realizar proezas, de lhe consagrar várias horas por dia e de entrar em êxtase uma vez por semana... Constatando que a realidade da sua vida não corresponde a esse sonho, concluem que a oração não é tudo para eles.

O fundamento da nossa fidelidade na oração é a humildade. Nós poderemos servir Deus fielmente se escolhermos uma forma de o servir que seja realista, compatível com aquilo que somos, com o nosso modo de vida. É mais fecundo mantermo-nos dez minutos por dia em oração, durante dez anos, do que sonhar que se poderiam fazer três horas por dia e desesperar por nunca o conseguir. Há qualquer coisa de humilhante em empenharmo-nos em dar dez minutos por dia a Deus e em constatar que nem sempre o conseguimos fazer. O combate espiritual consistirá, então, em entregarmo-nos a isso, de forma incansável, sem nos lamentarmos pelos dias ou semanas em que tínhamos abandonado o ritmo.

OS MEIOS DA FIDELIDADE

Para nos mantermos assim nessa fidelidade simples e quotidiana, precisamos de algumas orientações, de algumas regras de vida: regularidade em termos de lugar, de horário e da forma tomada pela oração. Ninguém pode perseverar dizendo que rezará quando tiver tempo. A fidelidade passa por uma certa disciplina, que hoje pode parecer contrária à autenticidade ou à espontaneidade. Contudo, estamos dispostos a aceitá-la quando se trata de um regime de emagrecimento ou de um treino desportivo. Tanto nesses esforços corporais como na vida espiritual, só se pode progredir à custa de um esforço regular quotidiano. Não são as experiências extraordinárias que fazem a vida de oração, mas a humilde fidelidade ao quotidiano, ao longo dos anos. Não há mistério

algum, aqueles que chegam a rezar em cada dia são aqueles que seguem determinadas regras às quais se tentam manter fiéis. Essa disciplina não é uma imposição, dever-se-á aplicá-la com flexibilidade e reconhecer que as viagens, a doença ou os imprevistos da vida vêm por vezes introduzir variações na mesma. **O mais curioso é que a nossa fidelidade depende tanto da nossa disciplina como da nossa capacidade para permanecermos flexíveis e adaptáveis.** Se impusermos a nós próprios uma disciplina de ferro, mais cedo ou mais tarde as circunstâncias farão com que mandemos tudo passear. Se imaginamos poder adaptarmo-nos sempre às circunstâncias, não iremos muito longe. É o equilíbrio entre disciplina e adaptação que nos permite perseverar ao longo do tempo.

Atribuímos a nós mesmos uma regra permite objetivar um pouco a situação. Se nos empenharmos em dar um certo tempo a Deus em cada dia, para nos mantermos gratuitamente na sua presença, sejamos o mais fiéis possível a essa regra, quer sintamos o desejo de rezar quer não. Pouco a pouco, isso muda tudo, pois já não partirá de nós nem dos nossos estados de espírito, mas de Deus, em cuja presença nos mantemos. Dionísio, o Cartuxo, escrevia assim no século XV, com uma simplicidade libertadora: **“Quando são horas de rezar, rezemos; de trabalhar, trabalhemos; de falar, falemos; de fazer silêncio, façamos silêncio...”**

DISCIPLINA DA ORAÇÃO E MUDANÇA DE VIDA

A obtenção daqueles meios que sustentam a fidelidade pode parecer uma disciplina que se limita à vida espiritual. **A maior parte daqueles que os praticam fazem-no, num primeiro tempo, para favorecer a sua vida de oração. E por vezes ficam surpreendidos ao ver que, pouco a pouco, a instauração de um tempo de oração regular provoca mudanças mais profundas no seu estilo de vida.**

Muitos preferem, por exemplo, consagrar à oração silenciosa um momento de manhã, antes de saírem para o trabalho. Não é muito complicado disponibilizar vinte ou vinte e cinco minutos a essa hora do dia. Para isso basta, pura e simplesmente, deitarem-se uma meia hora mais cedo. Também poderão decidir passar menos cinco minutos no duche, levantarem-se dez minutos mais cedo e demorar um pouco menos a tomar o pequeno-almoço, e assim conseguirão arranjar tempo para a oração. Ao princípio é um pouco acrobático, mas depois, passado pouco tempo, descubrem que adquiriram novos hábitos e que aquilo que parecia impossível se tornou quotidiano. Outros tomam consciência de que um pequeno reajustamento da sua casa lhes permitiria viver esse tempo sem incomodar o seu cônjuge nem serem incomodados pelas crianças que vão despertando. **Em suma, pouco a pouco, pequenos detalhes vão mudando a vida, em conformidade com o tempo de oração que vai tomando o seu lugar. Não se trata de alterações profissionais clamorosas, de mudanças completamente radicais, mas de pequenas coisas que permitem viver melhor a oração, ou levar uma vida que seja mais coerente com a oração.**



VOLTA À TUA GALILEIA

A noite está a chegar ao fim e começam já a despontar os primeiros fulgores da aurora, quando as mulheres saem para o túmulo de Jesus. Caminham com passo incerto, olhar perdido e o coração dilacerado de dor por aquela morte que lhes arrebatou o Amado. **Mas tendo chegado lá, ao ver o túmulo vazio, invertem o rumo, mudam de estrada; abandonam o sepulcro e correm a anunciar aos discípulos um percurso novo: Jesus ressuscitou e espera-os na Galileia.** Na vida destas mulheres, aconteceu a **Páscoa**, que significa **passagem**: de facto, **passam do caminho triste rumo ao sepulcro para uma corrida jubilosa até junto dos discípulos, a fim de lhes dizer não só que o Senhor ressuscitou, mas que há uma meta a alcançar imediatamente, a Galileia.** O encontro com o Ressuscitado é lá. O renascimento dos discípulos, a ressurreição do seu coração passa pela Galileia. **Entremos também nós neste caminho dos discípulos, que vai do túmulo à Galileia.**

As mulheres – diz o Evangelho – “foram visitar o sepulcro” (Mt 28,1). Pensam que Jesus Se encontre no lugar da morte, e que tudo tenha acabado para sempre. **Às vezes acontece-nos, também a nós, pensar que a alegria do encontro com Jesus pertença ao passado**, enquanto aquilo que o presente nos dá a conhecer são sobretudo túmulos selados: os túmulos das nossas desilusões, amarguras e difidência, os túmulos do “não há mais nada a fazer”, “as coisas não mudarão jamais”,

“melhor gozar o dia-a-dia” porque “do amanhã não estamos seguros”. Também nós, se fomos amofinados pela dor, oprimidos pela tristeza, humilhados pelo pecado, amargurados por algum fracasso ou pressionados por alguma preocupação, experimentamos o gosto amargo do cansaço e vimos a alegria apagar-se no coração.

Às vezes notamos simplesmente **o peso de levar por diante a vida quotidiana, cansados de arriscar** pessoalmente contra uma espécie de muro de borracha dum mundo onde parecem prevalecer sempre as leis do mais astuto e do mais forte. Outras vezes sentimo-nos **impotentes e desanimados** perante o poder do mal, os conflitos que dilaceram as relações, as lógicas feitas de cálculo e indiferença que parecem governar a sociedade, o câncer da corrupção – e há tanta –, a propagação da injustiça, os ventos gélidos da guerra. Mais ainda, talvez nos tenhamos defrontado com a morte, ao roubar-nos a doce presença dos nossos queridos ou roçar-nos por um triz na doença ou nas calamidades, e facilmente caímos vítimas da desilusão e secou a fonte da esperança. Assim, por estas ou outras situações – cada um de nós conhece as suas –, os nossos caminhos detêm-se perante túmulos e nós ficamos imóveis a chorar e lamentar-nos, repetindo, sozinhos e impotentes, os nossos “porquês”. Aquela cadeia de “porquês”...

Ao contrário, as mulheres na Páscoa não ficam paralisadas diante dum túmulo, mas – diz o Evangelho – “afastando-se rapidamente do sepulcro, cheias de temor e grande alegria, as mulheres correram a dar a notícia aos discípulos” (28,8). Levam a notícia que mudará para sempre a vida e a história: Cristo ressuscitou! (28,6). E, ao mesmo tempo guardam e transmitem a recomendação do Senhor, o seu convite aos discípulos, ou seja, que partam para a Galileia, porque lá O verão (cf. 28,7). Mas, irmãos e irmãs, perguntamo-nos hoje: **que significa ir para a Galileia?** Duas coisas: a primeira, **sair da clausura do Cenáculo partindo para a região habitada pelos gentios** (cf. Mt 4,15), **sair do escondimento para se abrir à missão, escapar do medo para caminhar rumo ao futuro.** A segunda – e isto é maravilhoso –, **voltar às origens, porque precisamente na Galileia é que tudo começara.** Lá o Senhor encontrara e chamara pela primeira vez os discípulos. **Portanto, ir para a Galileia é voltar à graça primordial, é readquirir a memória que regenera a esperança, a “memória do futuro” com que fomos marcados pelo Ressuscitado.**

Vemos assim o que faz a Páscoa do Senhor: impele-nos a seguir em frente, sair da sensação de derrota, rolar a pedra dos sepulcros onde muitas vezes encerramos a esperança, olhar o futuro com confiança, porque Cristo ressuscitou e mudou a direcção da história; mas, para o conseguir, a Páscoa do Senhor leva-nos ao nosso passado de graça, faz-nos regressar à Galileia, onde teve início a nossa história de amor com Jesus, onde ocorreu o primeiro chamamento. Por outras palavras, pede-nos para reviver o momento, a situação, a experiência em que

encontramos o Senhor, experimentamos o seu amor e recebemos um olhar novo e luminoso sobre nós mesmos, sobre a realidade, sobre o mistério da vida. Irmãos e irmãs, para ressuscitar, recomeçar, retomar o caminho, precisamos sempre de voltar à Galileia, isto é, voltar, não a um Jesus abstrato, ideal, mas à memória viva, à memória concreta e palpitante do primeiro encontro com Ele. Sim, para caminhar devemos recordar; para ter esperança devemos nutrir a memória. E este é o convite: recorda e caminha! Se recuperares o primeiro amor, o deslumbramento e a alegria do encontro com Deus, seguirás para a frente. Recorda e caminha.

Recorda a tua Galileia, e caminha para a tua Galileia. É o “lugar” onde conhecestes pessoalmente Jesus, onde Ele deixou de ser, para ti, uma personagem histórica como outras, tornando-Se a pessoa da tua vida: não um Deus distante, mas o Deus próximo, que te conhece melhor do que ninguém e te ama mais do que qualquer outra pessoa. Irmão, irmã, traz à memória a Galileia, a tua Galileia: a Galileia da tua chamada, daquela Palavra de Deus que, num momento concreto, foi dirigida precisamente a ti; daquela forte experiência no Espírito, da maior alegria do perdão sentida depois daquela Confissão, daquele momento intenso e inesquecível de oração, daquela luz que se acendeu no teu íntimo e transformou a tua vida, daquele encontro, daquela peregrinação, etc. **Cada um de nós sabe onde se encontra a sua Galileia, cada um de nós conhece o próprio lugar da ressurreição interior, lugar inicial, fundante, que mudou as coisas. Não podemos deixá-lo no passado, o Ressuscitado convida-nos a ir até lá, para celebrar a Páscoa.** Recorda a tua Galileia, trá-la à memória, reaviva-a hoje mesmo. Volta àquele primeiro encontro. Interroga-te como e quando foi, reconstrói o seu contexto, tempo e lugar, repassa a emoção e as sensações, revive as suas cores e sabores. Com efeito, tu sabes, foi quando esqueceste aquele primeiro amor, quando olvidaste aquele primeiro encontro que começou a depositar-se o pó no teu coração. E experimentaste a tristeza e, como para os discípulos, tudo parecia carecido de perspectiva, com um rochedo selando a esperança. Mas hoje, irmão, irmã, a força da Páscoa convida a rolar para fora as pedras da desilusão e da desconfiança; o Senhor, perito em derrubar as pedras tumulares do pecado e do medo, quer iluminar a tua memória santa, a tua recordação mais bela, tornar actual aquele primeiro encontro com Ele. **Recorda e caminha: volta para Ele, redescobre a graça da ressurreição de Deus em ti! Volta à Galileia, volta à tua Galileia.**

Irmãos, irmãs, sigamos Jesus até à Galileia, encontremo-l’O e adoremo-l’O lá onde Ele espera cada um de nós. Revivamos a beleza daquele momento em que, depois de O ter descoberto vivo, O proclamamos Senhor da nossa vida. Voltemos à Galileia, à Galileia do primeiro amor, cada um volte à sua própria Galileia, a do primeiro encontro, e ressurjamos para uma vida nova!



OS SETE SACRAMENTOS DA IGREJA

O SACRAMENTO DA EUCARISTIA PARTE II

283. Que significa *transubstanciação*?

Transubstanciação significa a conversão de toda a substância do pão na substância do Corpo de Cristo e de toda a substância do vinho na substância do seu Sangue. Esta conversão realiza-se na oração eucarística mediante a eficácia da palavra de Cristo e a acção do Espírito Santo. Todavia as características sensíveis do pão e do vinho, isto é as “espécies eucarísticas”, permanecem inalteradas.

284. A fracção do pão divide Cristo?

A fracção do pão não divide Cristo: Ele está presente todo inteiro em cada uma das espécies eucarísticas e em cada uma das suas partes.

285. Até quando continua a presença eucarística de Cristo?

Ela continua enquanto subsistem as espécies eucarísticas.

286. Que tipo de culto é devido ao sacramento da Eucaristia?

É devido o culto de *latria*, isto é, de adoração reservado só a Deus quer durante a celebração eucarística quer fora dela. De facto, a Igreja conserva com a maior diligência as Hóstias consagradas, leva-as aos enfermos e às pessoas impossibilitadas de participar na Santa Missa, apresenta-as à solene adoração dos fiéis, leva-as em procissão e convida à visita frequente e à adoração do Santíssimo Sacramento conservado no tabernáculo.

287. Porque é que a Eucaristia é banquete pascal?

A Eucaristia é o banquete pascal, porque Cristo, pela realização sacramental da sua Páscoa, nos dá o seu Corpo e o seu Sangue, oferecidos como alimento e bebida, e nos une a si e entre nós no seu sacrifício.

288. Que significa o altar?

O *altar* é o símbolo do próprio Cristo, presente como vítima sacrificial (altar- sacrifício da cruz) e como alimento celeste que se nos dá (altar-mesa eucarística).

289. Quando é que a Igreja obriga a participar na santa Missa?

A Igreja obriga os fiéis a participar na santa Missa cada Domingo e nas festas de preceito, e recomenda a participação nela também nos outros dias.

290. Quando se deve comungar?

A Igreja recomenda aos fiéis que participam na santa Missa que também recebam, com as devidas disposições, a sagrada Comunhão, prescrevendo a obrigação de a receber ao menos pela Páscoa.

291. Que se requer para receber a sagrada Comunhão?

Para receber a sagrada Comunhão é preciso estar plenamente incorporado à Igreja católica e em estado de graça, isto é, sem consciência de pecado mortal. Quem tem consciência de ter cometido pecado grave deve receber o sacramento da Reconciliação antes da Comunhão. São também importante o espírito de recolhimento e de oração, a observância do jejum prescrito pela Igreja e ainda a atitude corporal (gestos, trajés), como sinal de respeito para com Cristo.

292. Quais são os frutos da sagrada Comunhão?

A sagrada Comunhão aumenta a nossa união com Cristo e com a sua Igreja, conserva e renova a vida da graça recebida no Baptismo e no Crisma, e faz-nos crescer no amor para com o próximo. Fortalecendo-nos na caridade, perdoa os pecados veniais e preserva-nos dos pecados mortais, no futuro.

293. Quando é possível administrar a sagrada Comunhão aos outros cristãos?

Os ministros católicos administram licitamente a sagrada comunhão aos membros das Igrejas orientais que não têm plena comunhão com a Igreja católica, sempre que estes espontaneamente a peçam e com as devidas disposições.

No que se refere aos membros doutras Comunidades eclesiais, os ministros católicos administram licitamente a sagrada comunhão aos fiéis, que, por motivos graves, a peçam espontaneamente, tenham as devidas disposições e manifestem a fé católica acerca do sacramento.

294. Porque é que a Eucaristia é “penhor da futura glória”?

Porque a Eucaristia nos enche das graças e bênçãos do Céu, fortalece-nos para a peregrinação desta vida, faz-nos desejar a vida eterna, unindo-nos desde já a Cristo, sentado à direita do Pai, à Igreja do Céu, à santíssima Virgem e a todos os santos.

Na Eucaristia, partimos “o mesmo pão, que é remédio de imortalidade, antídoto para não morrer, mas para viver eternamente em Jesus Cristo”

S. Inácio de Antioquia

A Fundação AIS lançou a Campanha da Quaresma de apoio à Igreja na Ucrânia. D. Stepan Sus, responsável pelo Departamento da Pastoral da Migração da Igreja Ucrâniana Greco-Católica, veio a Portugal propositadamente para agradecer a solidariedade dos Portugueses, dos benfeitores da Fundação AIS e deixou um apelo para que o apoio ao seu país não esmoreça. “A Ucrânia está de pé, a Ucrânia está a lutar, a Ucrânia está a rezar! Não sabemos quantos mais anos a guerra vai durar, mas temos a certeza de que estaremos sempre com Deus”, disse na ocasião.


HAITI

Foram libertadas no dia 6 de Março, ao fim de cerca de 24 horas de cativeiro, três religiosas da Congregação de São José de Cluny que haviam sido raptadas num orfanato num bairro de Port-au-Prince, a capital do Haiti. Este rapto ocorre num momento de particular violência no país, após gangues terem invadido duas prisões em Port-au-Prince, libertando milhares de reclusos e levando as autoridades a decretar o estado de emergência e o recolher obrigatório.

REP. CENTRO-AFRICANA

Papa nomeia missionário carmelita Aurélio Gazzera como Bispo coadjutor de Bangassou. Gazzera, um amigo da Fundação AIS – já esteve em Portugal a apresentar um Relatório sobre a Liberdade Religiosa – vai suceder a D. Juan José Aguirre numa diocese enorme e que, um pouco à semelhança do que se passa em todo o país, atravessa tempos de insegurança e muita violência.

 Dinamismo

 Inquietação

 Sofrimento

VATICANO

No vídeo do Papa para o mês de Março – que tem a colaboração da Fundação AIS – Francisco lembra a heroicidade e o testemunho dos mártires de hoje, que, diz, “são uma bênção para todos”. Na mensagem, o Santo Padre refere que eles “contagiam a Igreja com a sua coragem”, e recorda a dor de um homem, um refugiado que conheceu na ilha de Lesbos, e que viu a sua mulher ser degolada à sua frente apenas por usar um crucifixo.

TERRA SANTA

A situação humanitária e as condições de vida da pequena comunidade cristã que permanece na Faixa de Gaza deterioraram-se nos últimos meses. Nos quatro meses que decorreram desde o início do conflito, 30 cristãos morreram em Gaza.

MOÇAMBIQUE

Em mensagem enviada à Fundação AIS em Lisboa, D. António Juliasso faz um retrato dramático da situação em Cabo Delgado, região que está a ser palco de uma ofensiva de grupos armados que dizem pertencer ao Daesh, a organização jihadista “Estado Islâmico”. O Bispo de Pemba descreve uma “imensa multidão” que foge em desespero, evitando suceder-lhes “a mesma sorte dos que foram degolados ou baleados” nos ataques que já ocorreram “em dezenas de aldeias” que foram “reduzidas a cinzas” e onde todas as capelas cristãs “foram destruídas”.

BURQUINA FASSO

O Bispo de Ouahigouya denuncia ameaça terrorista às comunidades cristãs. Depois do ataque a uma capela na Diocese de Dori, a 25 de Fevereiro, em que 15 fiéis perderam a vida, o Bispo de Ouahigouya disse à Fundação AIS que a ameaça terrorista é enorme no seu país e que há já paróquias bloqueadas, onde “ninguém pode entrar ou sair”. No entanto, neste ambiente de puro terror, há sinais também de enorme coragem por parte dos fiéis que enfrentam os grupos armados sem nunca renegarem a fé.

DOMINGO DA DIVINA MISERICÓRDIA

“Às três horas da tarde implora à Minha Misericórdia, especialmente pelos pecadores, e, ao menos por um breve tempo, reflecte sobre a Minha Paixão, especialmente sobre o abandono em que Me encontrei no momento da agonia.”

“Esta é a hora de grande Misericórdia para o mundo inteiro. Permitirei que penetres na Minha tristeza mortal. Nessa hora nada negarei à alma que Me pedir em nome da Minha Paixão.”



Oração

*Ó Sangue e Água que jorrastes do Coração de
Jesus como fonte de misericórdia para nós,
eu confio em Vós. (Diário 187)*



Fundação AIS
ACN PORTUGAL

Rua Professor Orlando Ribeiro, 5 D, 1600-796 LISBOA
Tel 217 544 000 | IBAN: PT50 0269 0109 0020 0029 1608 8
fundacao-ais@fundacao-ais.pt | www.fundacao-ais.pt